

QUANDO A MÃE REALMENTE ESTÁ MORTA: O ASSASSINATO DO TEMPO EM UM CASO DE PSICOSE¹

| ELIANE SOUTO DE ABREU²

RESUMO

A “mãe morta” é um conceito de André Green no qual a figura materna está psicologicamente ausente. Mas e se a mãe realmente está morta e o bebê fica sozinho em seus primórdios? Se a estratégia de sobrevivência do bebê for o assassinato do tempo, ele permanecerá na psicose. Que lugar ocupa o analista nesse mundo sombrio onde o tempo não passa? O trabalho propõe procurar respostas para um caso clínico a partir da obra de Green, *O tempo fragmentado*.

Palavras-chave: Psicose. Mãe morta. Assassinato do tempo. André Green. Psicanálise.

ABSTRACT

The “dead mother” is a concept of André Green in which the mother figure is psychically absent. But... What if the mother is actually dead and the baby is alone in her early days? If the baby’s survival strategy is the murder of time, she will remain in psychosis. What place does the analyst occupy in this dark world where time does not go by? The paper proposes to look for answers to a clinical case in Green’s work, *The fragmented time*.

Keywords: Psychosis. Dead mother. Murder of time. André Green. Psychoanalysis.

1 Trabalho apresentado na IV Jornada de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR, em setembro de 2019.

2 Médica. Psicanalista. Membro associado da SPFOR, Professora Assistente Doutora da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Este trabalho é dedicado a
Ebe, meus pacientes, meu analista, meus
supervisores e meus colegas da SPFOR,
todos envolvidos em meu desejo de ser
uma analista melhor.

A paciente, que chamarei de Ebe, tem 50 anos. Estamos juntas há 13 anos, desde 2006.

Sua mãe morreu em seu parto, prolongado e sem assistência, numa casa perdida no sertão nordestino. Ebe ficou, por mais de um dia, jogada numa rede, ensanguentada e com o cordão umbilical ainda ligado à placenta. Só após o enterro da mãe, alguém encontrou o bebê vivo, cortou seu cordão umbilical e o alimentou pela primeira vez. Talvez a tivessem por morta, talvez a morte parecesse iminente, ou talvez esse fosse o desejo da família. Ela não teve direito a um nome só dela, mas recebeu exatamente o mesmo nome e sobrenome da mãe.

Ela me pergunta:

– A senhora acredita que alguém pode lembrar do que viveu com 1 ano de idade?

Eu respondo que sim, acredito, naturalmente pensando não na memória semântica e factual, mas na noção de que nada que passe pelo psiquismo pode ser esquecido (Freud, 1915/1974). E mais: o que não pode ser simbolizado, verbalizado, pois vivenciado antes da aquisição da linguagem, poderá permanecer para sempre como um terror sem nome, reproduzido apenas de forma alucinatória (Green, 2000).

Diante da minha resposta, ela diz que sua primeira “lembrança” da infância é estar no meio dos porcos, suja de lama e excrementos, disputando com eles restos de comida, na casa do pai.

Toda criança pergunta aos pais, e mais frequentemente à mãe: *Como foi que eu nasci?* Então, ouvimos maravilhados e atentos sobre o mito da nossa existência.

E depois o repetimos, acrescentando uma pitada de drama e fantasia. O mito da origem de Ebe é uma costura macabra de memória, terror, fantasia, restos de comida e de histórias que ouviu. Mas a violência e aridez do ambiente oferecido a ela nos primórdios de sua vida não eram fantasia: até 1 ano e 8 meses, ela não engatinhava, não tinha cabelo nem dente e não falava. Estava gravemente desnutrida.

Nesse estado foi encontrada por uma prima da mãe biológica, casada e impossibilitada de ter filhos. Logo após ser adotada por ela, alimentada e cuidada, pôde nascer o primeiro dente, os cabelos apareceram e conseguiu se erguer e andar. Finalmente recebeu um outro nome, mas ainda assim, seu nome real é um pedaço do nome da mãe morta.

O pai biológico parece ter sido um indivíduo violento, que resolvia conflitos na bala, e que não conseguiu metabolizar a perda da esposa e nem pensar na dor dos vários filhos pequenos. Ele os distribuiu entre os familiares e, por algum motivo, ficou com a recém-nascida. Teria, inclusive, resistido a renunciar à sua guarda, apesar dos péssimos “cuidados”.

Quando começamos, em 2006, Ebe chegou em mutismo. A mãe, então com quase 80 anos, dizia que Ebe sempre foi uma menina *obediente* e *boazinha* e que *não dava nenhum trabalho*. Ebe apresentava-se calada, cabisbaixa, sem aceitar qualquer contato físico ou visual. Após dois meses, começou a responder-me com acenos de cabeça, mas permaneceu em silêncio por mais de um ano. Quando começou a falar, limitava-se a descrever sua rotina diária, sem nenhum investimento emocional. Então, introduzi jogos em algumas sessões.

Ela ficou espantada:

– O que a senhora quer com isso? O que é que a senhora quer de mim? Por que a senhora ainda não desistiu?

Às vezes ela fingia não saber jogar para que eu ganhasse sempre, e eu a repreendia de maneira divertida:

– Ei, mocinha, pode parar com isso, você sabe jogar e eu não quero ser “café com leite”, assim não vale!

Ela sorriu pela primeira vez em dois anos. Mas a primeira informação pessoal que ela deu foi:

- Eu matei a mulher que me teve.
- A sua mãe biológica?

Ela diz com ênfase:

- Eu não tenho isso!

Após alguns anos, e de diversas sessões me pedindo garantias de guardar um segredo, diz que pelo menos dos 7 aos 11 anos o pai adotivo a molestou sexualmente. Ele morreu de AVC (acidente vascular cerebral) quando ela tinha 11 anos, e foi então incorporado às suas alucinações, que acredito terem começado ainda na infância.

- A culpa de ele ter morrido é minha. Eu quis que ele morresse.

As sessões seguem um roteiro imutável: Ebe vem sempre sozinha, de ônibus, chega antes do horário, vestida da mesma forma (calça cumprida, camiseta e tênis). Não há apertos de mão, pois ela não aceita contato físico. Senta-se de cabeça baixa, sem contato visual, e calada. Mas não suporta o silêncio, e logo pede que eu fale alguma coisa. Depois vem a queixa sobre a incompreensão da mãe (*“quando eu falo que tem gente no meu quarto a mãe diz que é coisa da minha cabeça e me manda rezar”*), o pedido de um remédio que a deixe acordada *“para vigiar”*, o plano de se matar antes que sua mãe morra (*“antes que ela me deixe na mão”*), o tom de voz muito baixo, e às vezes *“um sonho ruim”*. E o conteúdo do sonho é sempre o mesmo, igual ao das alucinações auditivas e visuais: o pai adotivo e o pai biológico se unem para ameaçá-la, vão matar a mãe adotiva, e algo muito grave vai acontecer se ela contar o que eles lhe dizem. Eles portam peixeiras e cordas. Amarram-na à cama e a torturam. Uma multidão de pessoas desconhecidas e amedrontadoras assiste às ameaças dentro do seu quarto.

Quando isso aparece em sonho, a cena continua depois de acordada. Ela não faz distinção entre os sonhos e a vida real: é tudo verdade. Eu também vou *“sofrer as consequências”* por ela ter me contado sobre seus perseguidores e sobre o abuso

sexual. A mãe adotiva morreu recentemente, e então também foi incorporada às alucinações e sonhos. Neles, permanece impassível enquanto observa a filha sendo torturada pelos pais e não diz uma palavra.

Isso se repete, com pequenas variações, sessão após sessão, por 13 anos. Quarenta e cinco minutos longos, pesados, em que o ponteiro maior do relógio tinha grande dificuldade em sair do lugar, e a pálpebra me pesava muito. Parecia que o tempo tinha virado algo sólido, pegajoso. Eu me sentia atolada em areia movediça. Até que um dia, de repente, percebi que essa era e é a doença da paciente: para ela, o tempo não passa, ela assassinou o tempo. Sem o tempo, não há morte, mas também não há mudança.

A doença de Ebe consiste, simples e maciçamente, em reeditar e acreditar, dia após dia, em seu crime: o assassinato da mãe biológica, que nunca aparece em alucinações. E em sofrer eternamente a sua pena: violência física e psíquica perpetrada pelos homens que foram seus pais. As mães substitutas – como a mãe adotiva, a madrinha e eu mesma – são fracas, não compreendem ou são insuficientes para barrar o seu sofrimento.

A representação associada com afeto não é possível para Ebe, e portanto a pulsão necessita de outros canais de descarga, alucinatório e corporal. Além da psicose, Ebe tem lúpus eritematoso sistêmico, doença onde o sistema imune agride as próprias células. Há alguns anos sobreviveu a grave aplasia medular, efeito colateral de um dos remédios. Um dia, fiz uma interpretação sobre sua capacidade de sobreviver a tantas adversidades, incluindo essa doença gravíssima. Ela olhou para mim espantada e disse:

– E era grave? Se eu soubesse que era grave, eu tinha morrido!

Embora o suicídio esteja sempre em sua agenda, Ebe montou um intrincado sistema em que ele é dispensável, pois o desligamento da pulsão em múltiplas frentes não lhe permite uma vida verdadeira e plena, e ela se transformou numa morta-viva. Mesmo do ponto de vista somático, tentar combater a morte em Ebe é trazê-la de outra forma.

Nunca respondeu adequadamente a qualquer antipsicótico. A tendência à aplasia medular inviabiliza o uso de vários deles. Uma medicação melhora as dores, mas agrava sua psicose; outra melhora o lúpus, mas piora a depressão e ataca perigosamente o seu fígado... Na verdade o suicídio, forma simultânea de comunicação e não comunicação, seria contraditório nesse sistema, pois colocaria um fim no eterno repetir.

Em *O tempo fragmentado*, de André Green (2000), encontrei a descrição detalhada dos fenômenos que vivencio com Ebe. Ele mistura Freud, Winnicott e Bion para estruturar seu pensamento acerca do tempo e da ação da pulsão de morte sobre ele.

Green começa lembrando que há em Winnicott uma concepção de tolerância ao sofrimento psíquico que leva em consideração o tempo. Um trauma poderá durar por um certo tempo X antes que a mãe apareça para sustentar as necessidades do bebê. Sozinho, esse tempo de sofrimento X não será suficiente para causar consequências desagregadoras no psiquismo. Aliás, na medida certa, esse tempo coloca o bebê em contato com a frustração e a realidade, e instala a falta e o desejo. Se esse tempo é ultrapassado em Y (X + Y), a recuperação ainda será possível, com um esforço maior do bebê e do objeto. Porém, se a demora é longa (X + Y + Z), as consequências poderão ser irreversíveis. Predominará o trabalho da ausência e do negativo, que passa a ser a única realidade confiável. A partir desse momento, o objeto estar ali ou não, fará pouca diferença. O estrago ao aparelho de pensar e à subjetividade já foi feito. Naturalmente não se sabe a duração desses tempos. Cada um de nós tem, provavelmente, maior ou menor tolerância à espera e à passagem do tempo (Green, 2000).

Creio que em Ebe, o surgimento de uma mãe substituta foi muito tardio, tendo o bebê ficado muito tempo sozinho em seus primórdios.

Green sustenta que o inconsciente não é atemporal. Ele tem um tempo próprio, não unificado, fragmentado, e que se move para o passado, para o futuro ou para o puro presente do sonho, de acordo com o desejo. Há vários indícios de que esse tempo existe, segundo Green (2000). O objeto tem uma função fundante do tempo

no psiquismo, assim como no jogo do carretel, pois aparecendo – desaparecendo – aparecendo cria uma sucessão temporal, e esse tempo originário é o tempo do outro. O outro comanda esse jogo. Para Green, o superego é um orientador do tempo, já que idealiza o passado, tornando-o o imperativo moral de todo o resto. O inconsciente não conhece a morte, mas conhece o luto. Se ele se desprende do objeto, é porque recorre a um tempo onde o objeto tem sua forma mais indispensável. O trauma é um acontecimento mais recente no tempo que consegue atingir e mobilizar um núcleo cristalizado num tempo anterior que se pensava esquecido. Em Ebe, o abuso sexual, embora grave, deve ter sido mais importante como reforço da vivência original de que a mãe está morta, não está disponível, não socorre o seu bebê do pai e por extensão, da realidade violenta. É o *après coup*, tão caro à psicanálise francesa, no qual há um tempo do acontecimento e outro tempo em que ele é ressignificado. Na negativa, ou desmentida (Freud, 1925/1976), o inconsciente conhece ao mesmo tempo dois tempos: o tempo da mãe com pênis e o tempo em que a mãe não mais o possui, sem se decidir a favor de um ou de outro (Green, 2000).

EBE (ou Hebe) era filha de Zeus e de Hera, e eternamente jovem. Para ela o tempo não passava. Seu nome é um palíndromo, ou seja, pode ser lido da mesma forma em ambos os sentidos horizontais. Para esta paciente o tempo também não passa, e seu nome é um palíndromo, mas essas são as únicas semelhanças entre elas. A deusa Ebe era cheia de vida, orgulhosa e voluntariosa (Brandão, 1998). Enquanto isso, a paciente tem uma espécie de morte em vida, seu nome em círculo remetendo à repetição sem fim da carnificina que lhe deu origem, ao assassinato do tempo e de sua mãe, num luto impossível, com culpa e sofrimento eternos.

- Eu quero morrer. A senhora não acredita, né?
- Acredito, sim... – deixo passar um tempo. – Mas também acredito que quer viver.
- Viver pra quê? Essa porcaria de vida?

Sempre que Ebe me faz essa pergunta me lembro do retirante de João Cabral de Melo Neto (1955): De que vale viver uma “vida severina”?

A resposta final que o poema dá, todos nós conhecemos. Mas, instigada por Ebe, fui reler o poema, e antes da explosão de uma pequena vida severina, o retirante debate com um morador do mocambo:

– Seu José, mestre carpina,
 e quando ponte não há?
 quando os *vazios da fome*
 não se tem com que cruzar?
 quando esses rios sem água
 são grandes braços de mar?
 – Severino, retirante,
 o meu amigo é bem moço;
 sei que a *miséria é mar largo*,
 não é como qualquer poço:
 mas sei que *para cruzá-la*
vale bem qualquer esforço.
 – Seu José, mestre carpina,
 e quando é *fundo o perau*?
 quando a força que morreu
 nem tem onde se enterrar,
 por que ao *puxão das águas*
 não é melhor se entregar?
 – Severino, retirante,
o mar de nossa conversa
precisa ser combatido,
sempre, de qualquer maneira,
porque senão ele alarga
e devasta a terra inteira

(Melo Neto, 1955, p.21, grifos da autora).

Os vazios da fome, a miséria, o mar largo, o perau fundo, o puxão das águas neste trabalho é a pulsão de morte, e com ela é preciso trabalhar, para que não domine e devaste.

Ebe não mudou, mas eu mudei. Estamos juntas desde 2006. Relação mais duradoura que essa, só com meu analista, Valton Miranda, desde 2005. À época, eu era uma

aluna da Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza. O curso durava 3 anos, e havia um 4º ano opcional, que fiz duas vezes, para ficar ligada à mãe instituição. Em 2011 iniciei minha formação psicanalítica no GEPFOR (Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza), terminando em 2015. Tive diversos colegas que, indireta ou diretamente, em supervisão, ajudaram-me com a condução do caso.

Quando Ebe permanecia em mutismo, me agarrava ao trabalho de Paulo Marchon, *A irrupção do silêncio: o menino que virou rapaz e desaprendeu de falar* (2009), e usei todas as artimanhas que ele descreveu para entrar em contato com a paciente. Descrevia seu cabelo, seu sapato, sua roupa. Via um sentido em tudo. Há uma camiseta de Ebe que é nossa companheira desde o início. Tem do lado esquerdo o desenho de um falso bolso com um curativo sobre ele. Eu dizia:

– Bem aí em baixo fica o coração. Parece que você está me dizendo que ele está doente e precisando de cuidado.

Petrônio Magalhães foi o primeiro que me alertou para a questão do tempo com essa paciente. Eu a atendia como psiquiatra, toda semana, mas com duração variável. Ele questionou:

– Por que não 45 minutos? Por que não psicoterapia?
 – Bem, acho que ela não aguentaria.
 – Eliane, para esta paciente a questão do tempo é importante. A variação do tempo pode trazer muita angústia a ela. Será que não está *você* com receio de não suportar?

A verdade é dura, mas transforma.

Sidleiton Jucá, Mônica Bastos, Mabel Cavalcanti (da Sociedade Psicanalítica de Recife), Jorge Canestri (da *Associazione Italiana di Psicoanalisi*, em Roma), que nos visitou em 2013, Dr. Paulo Marchon e muitos que assistiram a apresentações desse caso me ajudaram. E aqui está ele novamente, em 2019, ano em que conquistamos o reconhecimento da SPFOR (Sociedade Psicanalítica de Fortaleza) como Sociedade definitiva pela IPA (International Psychoanalytical Association).

Em 2007, pouco tempo depois de começar a falar, ela me olhou e disse:

– Quando eu sair daqui vou me jogar embaixo de um ônibus e vou me matar.

E eu tive a certeza de que ela faria isso. Que fazer? A mãe quase octogenária e pobre não tinha carro. Bem, coloquei a paciente no meu carro e a levei até sua casa. Durante muitos anos me censurei pelo desvio da técnica. Mas hoje tenho mais compaixão de mim mesma, e entendo que foi o melhor que eu, terapeuta muito limitada à época, consegui fazer. Mas, como diria Bion, pode-se “tornar proveitoso um mau negócio” (Bion, 1979/2000). A paciente passou a falar mais de si, de suas alucinações e de suas terríveis experiências infantis. E Green (2000) confirma: nesses casos graves, um ato vale muito mais que uma bela interpretação.

Desde que começou a falar nas sessões, não há uma em que falte a pergunta: “*Pra quê viver? Pra ficar nessa porcaria de vida?*” Essa “vida severina”?

E eu respondi.

Em 2008: – Para se dar o direito de melhorar, de viver melhor, de um dia não pensar só nisso.

Em 2010: – Porque você é importante na vida das pessoas, de sua mãe, quanta coisa você faz por ela!

Em 2013: – Se a vida é uma porcaria, tudo o que está dentro dela, como sua mãe adotiva e eu, é porcaria. Você está me falando do seu ódio por ela e por mim.

Em 2015: – Sabe, Ebe, comunicar é ligar, se ligar ao outro. Querendo a morte você quer uma forma extrema de não se ligar e não comunicar.

Em 2018: – Eu não sei pra quê... Eu não sei se a vida tem que ter utilidade.

Em 2019: – A vida da gente não tem que ter utilidade. Quem tem que ter utilidade é micróbio. Sabia que fazem antibiótico de mofo? Esse mofo é muito útil!

Ela sorri surpresa, numa das raras vezes nesses 13 anos.

E num tempo futuro, eu gostaria de encontrar uma forma de dizer a Ebe que, vivendo, influenciou meu percurso, sempre ao lado de minha análise pessoal, minha formação e outros pacientes. Só é possível estar com Ebe diminuindo o *furor curandis* e o narcisismo, tornando-me menos superegoica com meus erros, tendo mais compaixão de mim e dos outros, e, principalmente, aprendendo a esperar o tempo passar.

Com Ebe, conheci Freud, Klein, Winnicott, Bion, Green. Juntei teorias e técnicas, num sincretismo que originou o credo particular que professo.

Ebe também me fez pensar sobre o sentido da vida. No meu precário conhecimento de Nietzsche, sei que ele escreveu algo sobre “dançar à beira do abismo”, e também que “quando se olha muito tempo para o abismo, o abismo olha para você” (Pondé, 2007).

Não creio no progresso inexorável da humanidade, pois nenhum desenvolvimento cognitivo ou tecnológico reduz a nossa destrutividade. Penso, como um amigo me disse, que “somos homens pré-históricos muito frágeis, andando na savana cheia de feras. Tudo o que esperamos é chegar vivos no final do dia”. Ou como minha amiga: “Somos todos bolinhas de carne, cheias de sentimento dentro, atravessando a rua”. Nessa lógica, o que pode impor sentido à existência é a ligação do afeto com os objetos, antes que um caminhão nos esmague. É o afeto que dá sentido aos significantes. Ou como diria Bion (1962/1994), a emoção é o coração do significado. Então, estamos todos caindo no abismo, mas nada nos impede de cair dançando (Pondé, 2007).

Que lugar ocupa o analista diante (ou dentro...) desse abismo? O que é possível fazer? É possível fazer?

No texto *O uso de um objeto e relacionamento através de identificações*, de Winnicott (1971/1975), e bastante explorado por Green em seu livro (2000), vemos que para esses pacientes é vital que o analista demonstre a eles não ser destruído por seus ataques. Na verdade, não se trata bem de destruir, mas de “nadificar”, de afirmar “você não existe”, “nada do que você faz tem substância”, o famoso desligamento da função desobjetalizadora. Green pensa que a pulsão de morte produz poderosas ligações – nós – internos, bloqueando ligações externas (com novos objetos). Nos casos de melhor evolução, os nós vão se desfazendo lentamente, as ligações poderão ser refeitas e, em fase avançada da análise, o paciente poderá aceitar a noção do tempo. Com Ebe, devo, como diz Green, aceitar os nós ossificados que não poderemos desmanchar e religar com a pulsão de vida. Teremos que passar ao largo deles. Essas áreas de ossificação são pontos de fusão entre ela e a mãe. Não há como separá-las. Não há como elaborar o luto, pois o objeto-mãe não pode ser abandonado, fusionado como está (Green, 2000). O fato de Ebe ser uma só com a mãe biológica também explica por que esta não se tornou uma alucinação, como os pais e a mãe adotiva.

Em seu livro, Green (2000) dedica 198 páginas (12 capítulos) à devastação da pulsão de morte e ao assassinato do tempo, e apenas cinco (um capítulo) a descrever o que pode fazer o analista. O capítulo se chama “Sobre a ligação e o outro”, e enfatiza a importância do estabelecimento de vínculo afetivo. Claro, ele também reforça a importância de interpretar sempre que possível, mas sem cair na ilusão de que as interpretações serão efetivas. E diz que admitir sua limitação e fracasso ao paciente, mas jamais indiferença, deixa sempre uma porta aberta (Green, 2000).

No fundo, o que Ebe quer é o que todos queremos: sentir-se amada sem limites nem condições. Mas isso não é possível sem amar a si mesmo. E para isso é preciso deixar claro que estou ali, oferecendo-me como o objeto primário tamponante. O objeto que, recebendo as pulsões de morte, possibilita que a pulsão de vida dentro dela faça uma primeira ligação, narcisista e intrapsíquica, que poderá dar lugar ao princípio do prazer, e só então à segunda ligação, com o objeto. Ou seja, a “ligação originária” é “mais aquém do princípio do prazer”! (Green, 2000)

Um dia, alguns elementos quebram a monotonia do sonho de repetição. Ela está numa casa, “*no meio do tempo*”. Pergunto o que isso quer dizer e ela responde:

– Está no meio de um mato, um lugar afastado, e não tem telhado. É aberta. Eles me pegam e me amarram na cama e fazem um monte de coisa comigo. Me dão uma facada. Eles dizem que vão fazer a mesma coisa com a mãe (adotiva). Eu consigo fugir, mas estou muito mal, estou sangrando e vou morrer. Aí uma doutora me socorre. Ela faz uma transfusão de sangue em mim, e eu não morro.

A casa está no “meio do tempo”, expressão que no Nordeste tem a particularidade de indicar tanto o passar de cada sucessivo momento por nós quanto as condições climáticas momentâneas. É a casa de seu mito fundador, onde nascimento e morte se encontram, e também a sua casa mental, muito vulnerável às intempéries e à minha observação e interpretação. Uma casa sem telhado também carrega várias indefinições: o que está dentro e o que está fora? Até onde sou eu e até onde é o não eu? O que é da minha mente e o que é dos outros? O que é fantasia e o que é realidade? Dessa vez, algo inusitado acontece: ela faz prevalecer seu desejo de viver e foge de seus algozes, recebendo uma transfusão de sangue. Sangue que se esvaiu de sua mãe no parto. Sangue que significa vida. A vida, que saía de seu corpo, volta a ele. Ela acredita ter encontrado uma substituta da mãe capaz de lhe restituir a vida.

Para a paciente interpretei o seu desejo de viver e sua capacidade de resistir a seus agressores, e que acredita que a vida lhe é injetada por mim. Ela fica vários segundos calada, parece desconcertada, finalmente olha para mim com raiva e diz:

– Viver pra quê? Pra essa porcaria de vida?

E o tempo parou de novo... Eu, como analista, preciso aceitar a recusa de Ebe em abandonar um modo de vida construído com muito esforço e que lhe permitiu sobreviver em condições terríveis, em favor de uma ligação que ameaça romper essa proteção, e também reavivar o trauma inicial mortífero.

Em Ebe, a incerteza em relação à permanência do objeto-mãe é central:

– A senhora ficou brava? A senhora vai me abandonar? Eles disseram que a senhora ficou brava e vai me abandonar.

- Eles querem te convencer – você acredita muito neles – que eu sou mais uma mãe que abandona. Mas eu pretendo ficar.
- Todo mundo me deixa na mão!
- Ebe, eu já te disse muitas vezes que a sua mãe não teve escolha, mas quer saber de uma coisa? Acho que ela teve uma só. Ela aguentou até você nascer e só depois morreu. Acho que ela fez um grande esforço para que pelo menos você vivesse!

Eu nunca tinha pensado nisso até então. E acho que nem ela também. Ebe fica em silêncio, faz um movimento de surpresa com a cabeça, mas não está com raiva, e por um momento creio que ela pôde sentir-se amada pela mãe e conter isso em sua mente.

Em outro trabalho, falei da dança dos objetos em frente às pulsões/afetos do paciente com doença de Alzheimer (Abreu, 2019). Embora sejam processos distintos, oferecer-se como objeto que se movimenta, tentando colocar-se em frente à trajetória do afeto, é a única saída. Por vezes me coloco a um palmo de distância do rosto de meu pai com Alzheimer, e pareço transparente. Não sou mais importante que o bolo que ele saboreia naquele momento. E em outras vezes, assistindo juntos aos bichinhos do canal por assinatura depois do almoço de domingo, ele olha para mim, sorri e encosta sua testa na minha.

De forma semelhante, estou próxima de Ebe. Não estamos num processo analítico, mas eu estou psicanaliticamente ao lado dela. Eu estou ali. Ofereço-me como objeto para que *eventualmente* ela faça uma ligação. Sou um objeto dançante no abismo.

Parecemos tecer um pedaço de tapete, que retorna na próxima vez totalmente desmanchado, ela agora parecendo Penélope, desfazendo o vínculo, como a mulher de Ulisses desfazia com quem a cortejava (Brandão, 1998). É preciso tecer sempre, apesar do desmanche da pulsão de morte entre uma e outra sessão. Lembrando Green (2000), “é preciso suportar agora o que a criança Ebe suportou sozinha em outro tempo”.

Um dia, conversávamos sobre seu irmão, também adotado. Ela se recusava a morar com ele após a morte da mãe adotiva, pois “*ele é homem*”. E eu tentava realçar algo genuinamente bom que o irmão parecia estar fazendo. Talvez não fosse o que eu, ela e a mãe dela gostaríamos, mas era o melhor possível diante do

que a realidade nos impunha. Ela ficou alguns instantes calada e disse, vencida e nada satisfeita de ter que admitir a realidade:

– É. Eu vejo que ele está se esforçando.

Para mim essa frase tem grande significado. Ela foi capaz de enxergar a realidade, observar os esforços desajeitados, mas bem-intencionados de seu irmão e qualificá-los como algo bom. E ela também está dizendo que percebe que eu estou me esforçando. Isso é vínculo e contato com a realidade. Meio severino, mas é!

REFERÊNCIAS

- Abreu, E. S. (2019). *Demência: Heimlich ou Unheimlich?* Trabalho apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise. FEBRAPSI, Belo Horizonte, Julho de 2019.
- Green, A. (2000). *O tempo fragmentado*. Buenos aires: Amorrortu. 203p.
- Bion, W. R. (1962/1994). Uma teoria sobre o pensar. In: Green, A. *Estudos Psicanalíticos Revisitados*. Rio de Janeiro: Imago. p. 127-137.
- Bion, W. R. (1979/2000). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista de Psicanálise de Porto Alegre*. p. 491-501.
- Brandão, J. S. (1998). *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes. 3 volumes.
- Freud, S. (1915/1974). *O inconsciente*. Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. p. 191-233.
- Freud, S. (1925/1976). *A negativa*. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago. p. 295-300.
- Marchon, P. (2009). A irrupção do silêncio: o menino que virou rapaz e desaprendeu de falar. In: Marchon, P. *Flutuando atentamente com Freud e Bion*. Rio de Janeiro: Imago. p. 47-55.
- Melo Neto, J. C. (1955). *Morte e vida severina*. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Joao%20Cabral%20de%20Melo%20Neto.pdf>. Acessado em: 29/09/2019.
- Pondé, L. F. (2007). *Tempo sagrado, tempo profano*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8nbd9ytlz4>. Acessado em: 29/09/2019.
- Winnicott, D. W. (1971/1975). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: Winnicott, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. p. 121-131.